

Monstros ou anjos sem forma? Somente você pode me dizer.

Paula Lima Pacheco¹; Diego Schmitz²; Rosemar Gomes Lemos³

*Universidade Federal de Pelotas*¹ – paulalima.p10@gmail.com¹

*Universidade Federal de Pelotas*²– diego.punkmetal666@gmail.com²

*Universidade Federal de Pelotas*³–rosemar.glemos@gmail.com³

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho do tipo pesquisa-ação foi fruto de uma análise das diferenças entre a expressividade artística de adolescentes e idosos, através de oficinas didático-pedagógicas em duas Instituições Públicas Municipais, sendo ambas, abrigos para pessoas em condição de vulnerabilidade social. Os teóricos da área de educação e arte foram pesquisados na discussão dos resultados para explicar os diferentes comportamentos observados durante o processo criativo do público-alvo envolvido, bem como os resultados da experiência implementada.

2. METODOLOGIA

A ação investigada é fruto do Projeto: “Grupo Design, Escola e Arte Construindo Conhecimento e Fazendo Arte”, cadastrado na Pró-reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e coordenado pela Professora Doutora Rosemar Gomes Lemos. Tal projeto tem por objetivo conscientizar e proporcionar às crianças (pertencentes às instituições públicas de Pelotas) uma reflexão sobre a educação ambiental e a lei 10.639/03, através de filmes e oficinas práticas de Artes, fazendo uso de materiais didáticos (vídeos, jogos e livros) do projeto “A Cor da Cultura”, entre outros tantos já produzidos pelo próprio grupo interdisciplinar de extensão e pesquisa (GRUPO DEA, 2014). Sendo composto por acadêmicos dos cursos de: Artes Visuais, Tecnologia em Geoprocessamento, Designer Gráfico e Música.

Através das oficinas elaboradas pelos membros do grupo e de uma disciplina de Artes Visuais Licenciatura: Artes Visuais na educação I¹, surgiu a proposta de criar uma atividade no campo da Arte para dois grupos distintos, um que seria de um lar de menores, outro de um lar de idosos. Os grupos fariam uma pintura diferenciada, sem serem obrigados a usarem os pincéis, só com o uso das mãos; depois, por meio do processo de rebatimento, onde uma folha é pressionada sobre a pintura para desconstrução das formas e ressignificação do sentido da pintura, seriam levados a darem sentidos às formas obtidas. Com os resultados, se analisaria todo o processo criativo, desde as abstrações, como da participação dos envolvidos já que a diferença de idades é algo a se considerar, como diz WEINBERGER (2009) sobre a terceira idade: “Na alteração emocional há fatores como a carência, a dependência dos outros, a perda de papéis e o decorrente sentimento de inutilidade e de vazio”. Perante isso, suprir esses sentimentos soturnos de alguma forma é possível. Parafraseando AZAMBUJA (2005): “Porque nos surpreenderá ver pessoas da

¹ Ementa: Investigação e reconhecimento do espaço de ensino (escola) e execução de avaliação diagnóstica (sondagem) de possibilidades e necessidades do grupo de alunos, tendo como finalidade a definição e desenvolvimento de pesquisa sobre um tema das artes visuais e a realização de esboços de projetos de ensino para os níveis fundamental e médio.

terceira idade curiosas, cheias de vitalidade e determinação, ávidos para enfrentar os desafios de um novo aprendizado”.

Dessa forma, partiu-se para a atividade, foram convidados a participar todos os membros do grupo (D.E.A.) o qual, possui acadêmicos das Artes Visuais, Designer Gráfico, Tecnologia em Geoprocessamento e Música. Todavia, provavelmente pelo fato da atividade ter sido realizada no final do semestre acadêmico, compareceram apenas duas pessoas, licenciandos do Curso das Artes Visuais.

Primeiramente, a oficina foi realizada na Casa dos Meninos I. Chegando lá os investigadores se apresentaram, dizendo de qual universidade faziam parte, explicando como é a forma de trabalho do projeto e a proposta de oficina. Logo foi elaborado um exemplo para ficar melhor explicado.

A seguir foram distribuídas folhas de papel sulfite, tamanho A3 (297 x 420 mm), gramatura 150g e as tintas guache e nanquim aguado nas cores primárias (amarelo, azul e vermelho) e neutras (preto e branco). Usou-se nanquim aguado colorido e guache na confecção das obras artísticas. Apenas um menino não quis participar, onde haviam quinze meninos na casa entre sete e quatorze anos.

Na outra Casa Lar, tratava-se da Casa de Idosos. Inicialmente os acadêmicos apresentaram-se e juntamente com a psicóloga foram explicando quem eram, o que faziam ali e quem gostaria de participar da atividade. Dentre dezoito idosos apenas cinco participaram. Os motivos que deram para não participar foram muitos, alguns simplesmente não queriam, outros por estarem indispostos, alguns enfermos de modos tal, que o repouso era, aparentemente, a melhor solução para a convalescência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere à recepção da proposta, percebeu-se comportamentos totalmente diferenciados nas duas casas. No primeiro local, as crianças já começaram a elaborar a atividade rapidamente enquanto que com os idosos, mais calmos, o processo de criação foi mais lento. Todavia, ambos conseguiram desenvolver a proposta com sucesso, sendo surpreendente a expressividade de ambos os grupos.

Na Casa Lar Meninos I, no início, algumas crianças tiveram dificuldades em sair do desenho convencional com pincel, desse modo a proposta foi novamente apresentada e pediu-se para que elaborassem um desenho sem pincel. Dessa forma, a oficina fluiu muito bem, eles conseguiram entender a proposta e ficaram satisfeitos com os resultados, conforme imagens 1 e 2. A proposta foi feita de maneira rápida. Todos queriam falar ao mesmo tempo quais eram os desenhos que estavam surgindo a partir da mancha de tinta. Utilizou-se também a técnica de rebatimento, a qual a folha era dobrada ou colocava-se outra por cima e depois, ou abria-se ou retirava-se a segunda folha para verificar o efeito da ação, dando um efeito de maior expressividade ao trabalho. Segundo MELO (2010):

“O desenho como arte autônoma, meio de expressão irredutível a outros meios, dinamiza seu criador que escolhe orientar seus gestos em direção à realização de uma obra destinada a ser mostrada, seja apresentada em um quadro, seja em um suporte de folhas. Obra significativa por seu caráter único, seguido por seu caráter íntimo.” (MELO, 2010)



Imagem 1 - desenho elaborado a partir de mancha, sem pincel.



Imagem 2 - desenho elaborado a partir de mancha, sem pincel.

Foi necessário dar uma atenção especial a um menino cego. Com ele foi realizado um trabalho um pouco diferente, colocou-se a folha na sua frente e deixou-se o mesmo sentir seu tamanho, mostrando que era maior do que as que eles estavam habituados a trabalhar. Dessa forma, ele pegava tinta do pote e com os dedos sobre a folha ia elaborando as formas com as mãos sobre o papel. O trabalho dele apresentou uma expressividade tão intensa quanto a dos seus colegas, fora que seu contentamento por fazer a atividade era semelhante as dos demais.

Na Casa de Idosos eles tiveram um pouco de dificuldade para começar a proposta, esperaram para que fossem auxiliados um à um para em pintarem sem pincel. Logo após os oficinairos darem auxílio a cada um deles, acabaram por elaborar a atividade proposta e já foram desenvolvendo um segundo desenho. Então a proposta foi muito bem desenvolvida chegando-se há outros meios de se pintar sem pincel, quase todos usaram o próprio bico dos recipientes onde estavam as tintas, outros jogavam-nas sobre as folhas como o auxílio dos cabos dos pincéis e iam mexendo o papel para que a tinta banhasse toda a brancura da folha. Os idosos se sentiam desconfortáveis com as mãos suja. Diz Azambuja (2005)

“O fazer artístico não é uma forma de relaxamento e lazer, nem uma substituição da realidade; é, sim, uma ampliação de nossa vitalidade interior. Criar representa uma intensificação de vida.” (AZAMBUJA, 2005)

Entre as conversas, que foram surgindo durante a realização dos desenhos percebeu-se que, todos gostaram de analisar quais eram as formas que iam surgindo e ficavam indagando com o que aquela imagem parecia, dessa forma sempre surgia uma conversa, uma lembrança, e eles desenvolveram muitos desenhos, utilizamos técnicas diferentes, como rebatimento. Diz Azambuja (2005)

“Criar é dar forma algo novo e não se refere somente à produção artística, mas também como um agir integrado ao viver; e, se o homem cria, não é apenas porque quer ou gosta, e sim porque precisa. A criatividade humana envolve a capacidade de inovar respostas frente a desafios, quer seja no cotidiano com novas idéias e ações, ou em produções nas artes, ciências e tecnologias diversas. O ato criador não se faz a partir do nada; ele relaciona pensamentos, fatos, estruturas de percepção e contextos associativos já existentes, mas até então separados, para que juntos estabeleçam a resposta inovadora.” (AZAMBUJA, 2005)

Fazendo uma relação com as vivências, as experiências, até na escolha das cores percebeu-se o que declara AZAMBUJA(2005), pois, os idosos escolheram cores bem fortes e marcantes para elaborar as formas.

Percebeu-se que em ambas as casas a proposta foi bem recebida. Apesar de um início onde houve certa dificuldade em romperem com o uso do pincel, essa tecnologia foi deixada de lado paulatinamente, logo que foram surgindo os resultados executados pelos colegas, os outros quiseram tentar chegar também aquele resultado que lhes agradava. Segundo FREIRE (1981):

“A experiência nos ensina que nem todo o óbvio é tão óbvio quanto parece. Assim, é como uma obviedade que começamos este trabalho: toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador” (FREIRE, 1981)

4. CONCLUSÕES

Este trabalho é primordial para se perceber que a arte não tem idade, ficando claro aos futuros professores e profissionais que, negar experiência de outros modos de se fazer as coisas, por mais simples que sejam, como uma pintura, é um modo de evitar que o ser humano evolua, e mostre e saiba o quanto é evoluído e delicado para compor sua própria arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, 5ª Ed.;

WEINBERGER. N. R. A Arte. A Auto-estima e a Terceira Idade. *Jornal Mensage*. 2009, Maio Ed.

AZAMBUJA, T. Uma oficina de criação para a Terceira Idade. **Textos sobre Envelhecimento**, versão impressa ISSN 1517-5928, v.8 n.2, Rio de Janeiro , 2005;

MELO, Maria A. P. Entre linhas e manchas: o desenho como exercício do desejo. Porto Alegre, 2010, Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais Bacharelado. Instituto de Artes – Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ulbra, **Ementas**. Acessado em: 29 jul. 2014. Online. Disponível em: <http://www.ulbra.br/artes-visuais/files/ementa-artes-visuais-2012.pdf>